

Públio Athayde 

Curral de Pedras: Notas sobre abandono e omissão.

O Curral de Pedras faz parte do conjunto de vestígios da atividade mineradora dos séculos XVIII e XIX que cercam de Ouro Preto. São muitos quilômetros de canais, centenas ou milhares de bocas de minas, taperas de residências, muros e ruínas cuja natureza permanece indeterminada. Este sítio se destaca pela dimensão e pela hipótese de que não teria sido originalmente um curral, mas uma fortificação.

**Ouro Preto
2007**

Meu muito obrigado a **Wilerson Jorge de Oliveira** pelo apoio e companhia na expedição ao Curral de Pedras. Muitas das fotos são também de sua autoria.

Sumário

1	O Curral de Pedras e a arqueologia da mineração do século XVIII.....	4
1.1	<i>O conjunto de sítios mineratórios.....</i>	9
1.2	<i>Um sítio desconhecido.....</i>	11
2	Aproximação fotográfica	17
2.1	<i>Os caminhos para as minas.....</i>	19
2.2	<i>O Passa Dez.....</i>	20
3	Considerações finais.....	28
3.1	<i>Sugestões</i>	28
4	Bibliografia	29

Índices

Ilustração 1 - Vila Rica, séc XVIII (REIS, 2001)	9
Figura 1 - Localização do Curral de Pedras (fontes nas imagens).....	6
Figura 2 - Imagem do Curral de Pedras	7
Figura 3 - Perímetro de cerca de 200m da edificação.....	7
Figura 4 - Vertentes do Vale do Rio Doce e Rio das Velhas.....	8
Foto 1 - "Caixa-d'água".....	10
Foto 2 - Projeção da construção completa.	10
Foto 3 - Corte na parte anterior da caixa-d'água.....	11
Foto 4 - Curral de Pedras: vista parcial dos resquícios da parede sul.....	12
Foto 5 - Detalhe a parede sul.	12
Foto 6 - Parede sul, vista de dentro da edificação.	13
Foto 7 - detalhe da parede lesta da edificação interna.	13
Foto 8 - Medindo a edificação interna.	14

Foto 9 - Detalhe da demolição da parede oeste.	14
Foto 10 - Parede oeste em franca demolição.	15
Foto 11 - Medição da espessura da parede sul.....	15
Foto 12 - Aspecto da parede norte, único segmento com altura total preservada.	16
Foto 13 - Ângulo externo formado pelas paredes sul e oeste.	16
Foto 14 - Vista da Rua Perita.....	17
Foto 15 - Princípio da subida: os canais.	18
Foto 16 - Rodovia dos Inconfidentes (OP/BH) e Jardim Botânico	18
Foto 17 - Vista do Passa Dez.....	20
Foto 18 - Panorâmica de Ouro Preto (1).....	21
Foto 19 - Panorâmica de Ouro Preto (2).....	22
Foto 20 - Vista da Rodovia dos Inconfidentes.....	22
Foto 21 - Panorâmica de Ouro Preto (3).....	23
Foto 22 - Panorâmica de Ouro Preto (4).....	24
Foto 23 - Vista da rodovia dos Inconfidentes	24
Foto 26 - Panorâmica de Ouro Preto (5).....	25
Foto 27 - Rodovias para Ouro Preto e Saramenha.....	25
Foto 28 - As Alterosas	26
Foto 29 - As montanhas em forte aclave	26
Foto 30 - Do outro lado do morro.....	27
Foto 31 - Serra do Caraça ao fundo	27
Foto 32 - Vale do Rio das Velhas	27

1 O Curral de Pedras e a arqueologia da mineração do século XVIII.

O entorno de Ouro Preto ainda está repleto de vestígios da atividade mineradora dos séculos XVIII e XIX. São muitos quilômetros de canais, centenas ou milhares de bocas de minas, ruínas de residências, muros e sítios cuja natureza ou função permanece indeterminada.

O Curral de Pedras faz parte desse conjunto, situando-se nos limite entre a zona urbana e a rural, destaca-se por sua dimensão e pela hipótese de que não teria sido originalmente um curral, mas uma fortificação. Trata-se de um quadrilátero de cerca de 200m de perímetro, edificado com muros de pedra cuja denominação deve ser, segundo meu pensamento, ligada ao uso tardio.

As paredes de pedra tinham mais de 2m de altura, com cerca de 1m de largura na base. Havia edificações internas e uma série de obras hidráulicas complementares.

A edificação tem sido agredida nas últimas décadas, numa intervenção predatória e rápida; suas paredes têm sido destruídas. Não se tem notícia de referências historiográficas ou documentais sobre o sítio.

Meu objetivo aqui será apenas apresentar algumas questões indicativas do estado de abandono de todos os sítios da arqueologia da mineração no entorno de Ouro Preto, apresentando, como exemplo, o Curral de Pedras, edificação que sempre me impressionou, desde a infância, e que já foi demolida em mais de 70% desde que eu a conheci.

Todo o conjunto das ruínas mineratórias está relegado pelas autoridades, desprezado pelos historiadores e ignorado pela população. Não havendo interesse comercial na exploração dos sítios arqueológicos (turismo), não há que se falar neles, que se investir neles, que os estudar...

Fui capaz apenas, para este trabalho, de localizar e fotografar alguns aspectos da ruína e do itinerário até ela, registrando o estado do sítio e do acesso a ele de forma meramente indicativa. Creio que o mínimo que fiz demonstra a necessidade de levantamento competente, por equipe multidisciplinar de profissionais, a ser complementada por profunda pesquisa documental, de sorte a se formar uma base para a proposta de tombamento do sítio e documentação de toda a área.

O estado da ruína é de completa depredação, desmonte. Acredito que motivados pela busca de algum tesouro sonhado, ao longo dos últimos anos, pessoas desavisadas e inescrupulosas têm sistematicamente demolido o que resta da edificação. Pelo isolamento em que se situa a ruína, nenhuma outra hipótese parece justificar a constante agressão ao edifício.

Este é, de resto, o estado geral de todo o sítio arqueológico do entorno de Ouro Preto. Nunca foi dada atenção científica a ele, assim como sempre foi desprezado como atrativo turístico ou como área de preservação.

Os canais estão todos assoreados, as “caixas-d’água” soterradas ou desmoronadas, as minhas desmoronadas, os suspiros – estes sempre evitados.

Não há levantamento, não há mapeamento, não há estudo documental. É como se a atividade mineradora não tivesse existido ao alcance dos olhos, como se o ouro

brotasse na Casa dos Contos por geração espontânea e fosse convertido em templos, escultura, talha, poesia e inconfidências sem que tivesse sido arrancado ao solo às vistas de qualquer cidadão.

A Figura 1 mostra a região em que se situa a ruína do Curral de Pedras; a região foi muito percorrida por lenheiras até os anos de 1980, à cata de combustível para seus fogões. Toda a região sempre foi vitimada por queimadas; ao que parece, essa imagem mesmo indica isso na região próxima à Pedra de Amolar.



Figura 1 - Localização do Curral de Pedras (fontes nas imagens).

A imagem da Figura 2 parece indicar a própria ruína; em outra fotografia aérea no mesmo servidor, mais antiga, a imagem estava mais nítida, pois havia menos vegetação. Curiosamente, a destruição das paredes facilita a visão aérea, pois produz grande mancha avermelhada, cor da canga revirada.



Figura 2 - Imagem do Curral de Pedras

Figura 3 - Perímetro de cerca de 200m da edificação.

A dimensão das ruínas foi avaliada pela foto aérea, dada a dificuldade de acesso à edificação no local, por causa da vegetação e dos detritos das demolições.



Minha hipótese é que a edificação tenha tido originalmente função militar ou fiscal; tanto pela sua localização privilegiada, dominando todo o acesso à Vila, quanto pelas características da própria ruína, suas dimensões e planta. Existe fundamentação historiográfica para supor a existência de alguma construção com essas finalidades,

principalmente no século XVIII, mas não foi possível estabelecer uma datação para a edificação.

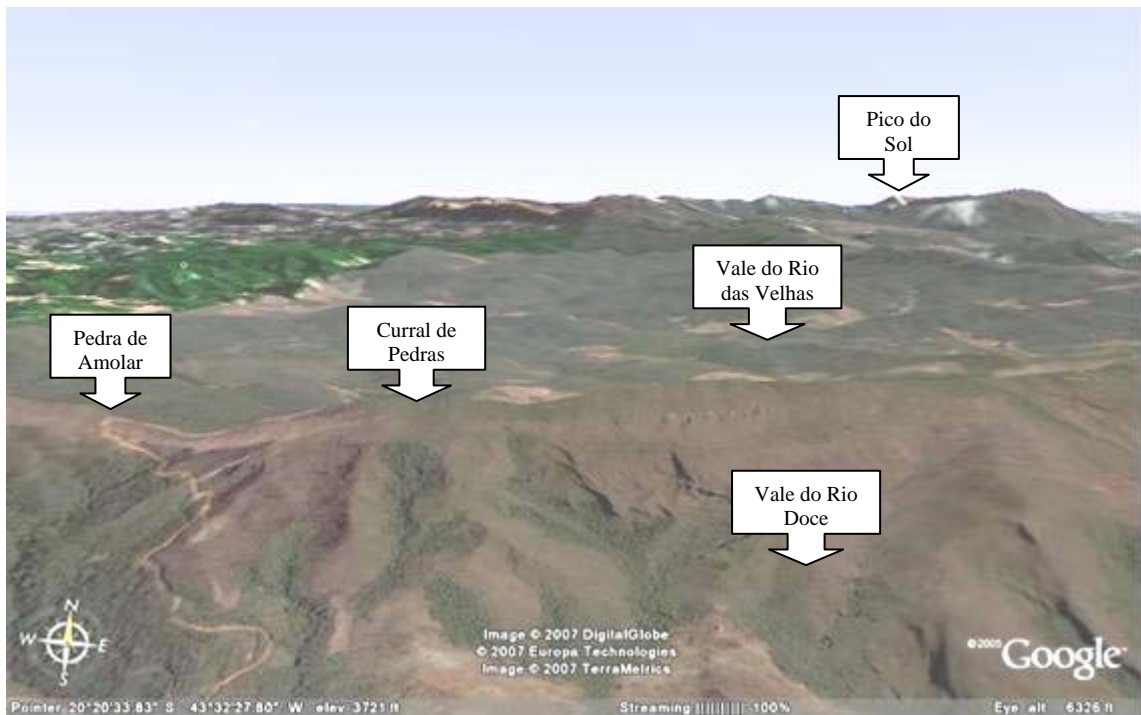


Figura 4 - Vertentes do Vale do Rio Doce e Rio das Velhas

Mas numa época em que a segurança e a implantação do Estado era necessidade primária, guarnecer e fortificar sempre foram constantes.

"E, no entanto, ninguém ignora que praticamente todos os grandes construtores do século XVI, do XVII, e mesmo do XVIII, foram também activos construtores militares; que a sua formação teórica se fez em grande parte sobre as disciplinas e os métodos da "Arquitectura Militar ou Fortificação"; e que o nosso urbanismo, até o pombalino inclusive, foi essencialmente uma criação de oficiais de infantaria *com exercício de engenheiro*".¹

¹ MOREIRA, 1981.

1.1 O conjunto de sítios mineratórios



Ilustração 1 - Vila Rica, séc XVIII (REIS, 2001)

Ao longo dos séculos XVIII e XIX a atividade mineradora sempre esteve em ascensão. Deixou os vales e subiu o morro. O ouro de aluvião foi se extinguindo e as galerias sangraram as montanhas.² As vilas primitivas, dos vales, se viram, a cada momento, mais envolvidas pelas minas circundantes. Quando a atividade da mineração aurífera cessou, permaneceram as cicatrizes dos cortes feitos na terra.

Mesmo no dezessete, entretanto, já havia atividade de mineração nos morros, nas regiões mais ricas. Portanto é difícil estabelecer-se com alguma precisão a datação de qualquer sítio, apenas pela sua situação topográfica. Será necessário um estudo mais aprofundado da técnica para tanto. Quanto mais, considerando-se que, necessariamente, a atividade mineradora do dezoito teria se sobreposto à dos lustros anteriores, alterando-lhe os vestígios.

² SOUZA e REIS, 2007.

<http://pathayde.multiply.com>
pathayde@hotmail.com

As cidades das Minas mineradoras estão cercadas de resquícios de mineração. Todavia nem se sabe, a cada sítio ou ruína, a que época pertencem.

Como ilustração, apresento imagens de uma gigantesca “caixa-d’água” situada a montante do Passa Dez.



Foto 1 - "Caixa-d'água"

Foto 2 - Projeção da construção completa.

Construções como essa eram abundantes na região. A maior parte já foi destruída. À gigantesca barragem construída numa das vertentes corresponde um corte na montanha, na parte anterior do depósito de água,



tanto para lhe aumentar a capacidade quanto para fornecer pedra para a barragem. Certamente o depósito terá tido diversas serventias, segundo as transformações técnicas da mineração.

Foto 3 - Corte na parte anterior da caixa-d'água.

A grande quantidade de construções remanescentes e sítios da região certamente não permitiriam obras de conservação, mas um levantamento e documentação do que ainda subsiste é urgente e possível.



1.2 Um sítio desconhecido

Nenhum estudo, levantamento ou tombamento encontrado até o momento menciona o Curral de Pedras. Não há qualquer especulação, menção, ou referência literária, crônica ou notícia sobre o sítio, especificamente. O nome, Curral de Pedras, vem exclusivamente da tradição oral. Essa tradição indica a probabilidade de que a edificação tenha servido a propósitos criatórios, malgrada a situação topográfica desfavorável a tal. Até mesmo o abastecimento de água seria precário em cota tão elevada, em épocas de seca.

Para quem chega ao local, vindo de Ouro Preto, pelo alto do morro, como eram normalmente feitos os deslocamentos no dezoito, a primeira visão que se tem do Curral de Pedras é a que a Foto 1 mostra, a face sul da edificação.



Foto 4 - Curral de Pedras: vista parcial dos resquícios da parede sul.

A parede sul, encontra-se quase totalmente demolida, restando cerca de $\frac{1}{4}$ dela, se tanto. Quando eu conheci a edificação ela estava praticamente inteira. Não foi possível fazer a medição desejada, nessa expedição, em virtude da vegetação que impedia o acesso, mas estimo em mais de 30m o comprimento dessa face do quadrilátero.



Foto 5 - Detalhe a parede sul.

Foto 6 - Parede sul, vista de dentro da edificação.

O quadrilátero todo tem perímetro de cerca de 200m, segundo avaliação feita pelas fotos aéreas. No interior há sinais de várias construções, a mais destacada é uma edificação retangular de cerca de 7m de comprimento por 5m de largura, também constituída por paredes de pedra cujos restos ainda se podem identificar, com altura média de 1,2m. atualmente



Foto 7 - detalhe da parede lesta da edificação interna.

O interior da edificação interna está parcialmente soterrado pela demolição. Qual seria a função desta edificação? Pequena para uma habitação, ou para um curral, forte demais para um fim menos nobre, ocorre-me a necessidade e possibilidade de um paiol, até mesmo de pólvora. Isso seria uma



possibilidade tanto com finalidade militar quando para emprego na mineração e edificações civis.

O piso de toda a área é de rocha, mas há muito material sobre o chão, detrito de demolição, resquícios de vegetação, terra, cobrindo boa parte do solo, principalmente junto à parede norte, face mais baixa do suave declive em que se encontram as ruínas.

Foto 8 - Medindo a edificação interna.

Em outras visitas pude ainda observar a presença de um tanque ou algo assemelhado, mas não foi possível encontra-lo desta vez. Ou está assoreado ou oculto pela vegetação. Pelo que me lembro, o tanque tinha formato de quarto-de-círculo e ocupava um dos ângulos da construção. Pude



ainda observar, em uma visita em época de total ausência de vegetação em função de queimadas, uma rede externa de captação pluvial, direcionada ao tanque.

Foto 9 - Detalhe da demolição da parede oeste.

As paredes externas, principais vítimas das demolições recentes, apresentavam aberturas, principalmente na face norte, indicando provavelmente a existência

de madeirame de construções justapostas. Não é possível determinar sua natureza, tanto poderiam ser paliçadas quanto currais ou habitações.



Foto 10 - Parede oeste em franca demolição.

Foto 11 - Medição da espessura da parede sul.

As fotos 6 e 7 mostram o estado de demolição da parede oeste, bem recente a interferência predatória, o que se pode notar pelo estado da oxidação das rochas. Nota-se ainda a espessura das paredes, cerca de 1m na



base, 0,6m a cerca de 1 m de altura, como se nota pela foto 8.

Única parede parcialmente preservada em toda sua altura, a da face norte da edificação permite estimar entre 2,5m e 3m a altura das paredes externas.

Foto 12 - Aspecto da parede norte, único segmento com altura total preservada.



Foto 13 - Ângulo externo formado pelas paredes sul e oeste.



2 Aproximação fotográfica

Há hoje dois acessos para o Curral de Pedras: um pelo trevo da Rodovia dos Inconfidentes, tomando rumo de São Bartolomeu até o Alto da Pedra de Amolar e voltando pela crista do maciço; ou subindo pelo Pau-Doce (Rua Manganês no Bairro São Cristóvão) e acompanhar os canais que serpenteiam o morro passando de uma cota à outra até o cume da elevação. Este foi o caminho percorrido nessa expedição fotográfica.



Foto 14 - Vista da Rua Perita

O Bairro São Cristóvão subiu o morro, suas casas mais elevadas alçaram o sítio da área mineradora, assim como em outras partes da cidade. As pedras das ruínas servem às obras, as águas dos antigos canais são captadas e consumidas. É a eterna

competição entre o sítio histórico desprezado e a necessidade da vida moderna. Lembrome de ter contado, em outras épocas, seis, oito canais cortando o morro, de fora a fora.

A maior parte deles, há 30 anos, ainda conduzia água farta. Hoje a boa parte nem é mais visível. Estão assoreados, desmoronaram, não conduzem mais água. Desaparecem aos poucos.



Foto 15 - Princípio da subida: os canais.

Foto 16 - Rodovia dos Inconfidentes (OP/BH) e Jardim Botânico



2.1 Os caminhos para as minas

Situadas no interior do centro-sul, as minas eram localidades de difícil acesso. De São Paulo aos núcleos mineradores a viagem era de sessenta dias. Havia três caminhos de acesso. O que foi aberto por Fernão Dias Pais passava por Atibaia e Bragança e alcançava a Mantiqueira. O outro, saindo de São Paulo, percorria Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Jacareí, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Lorena para chegar às três principais regiões mineradoras: Ribeirão do Carmo, Ouro Preto e Rio das Velhas. Um terceiro caminho passava por Mogi-Guaçu e correspondia, grosso modo, ao traçado da Estrada de Ferro Mojiana, hoje desativada.

O Rio de Janeiro, no começo, não dispunha de acesso direto às minas, o que dificultava o seu comércio. Mas rapidamente se beneficiou com a abertura do “caminho novo”, construído em três anos (de 1698 a 1701) e aperfeiçoado entre 1701 e 1707, a hoje tão decantada Estrada Real.

Com a sua abertura, a viagem do Rio para Minas poderia ser realizada em doze ou dezessete dias, conforme o ritmo da marcha.

Aos mineradores não eram cobrados apenas o quinto, também “direitos de entradas” (sobre os produtos vindos de fora, em alguns casos até 75% do valor da mercadoria no Rio), “direitos de passagem” (pedágio cobrado nos rios), dízimos para a Ordem de Cristo e o “subsídio voluntário” (criado pelo marquês de Pombal para ajudar na reconstrução de Lisboa depois do terremoto de 1755). Dos dízimos pagos pelos mineiros ao receberem suas datas provinham os ordenados dos funcionários régios que

patrulhavam as Minas. Todas as estradas, rios e passagens possuíam casas de registro e o ouro só podia circular em barras ou com uma guia.

2.2 O Passa Dez

Uma das entradas da cidade; extremidade de Caminho Tronco que deu origem à cidade. O nome se deve a ter sido um dos pontos de vau entre os primeiros arraiais e o litoral, segundo Capistrano de ABREU³, por onde passavam os chegados via Tripuí. Teria havido uma ponte na região, da mesma lavra de outras como a do Caquende e as demais da Vila. Mas quem conhece a área pode imaginar ter ali havido um vau que merecesse ser contado, e que fosse o décimo entre São Paulo e Vila Rica? Ou seria mais razoável procurar-se uma passagem de registro, um posto tributário?



Foto 17 - Vista do Passa Dez

A região do Passa Dez teve importância também no abastecimento de gado da cidade, a partir do século XIX, o que é fato a se considerar quanto à atribuição de atividade pecuária no sítio do Curral de Pedras.

“Se encontravam algum rio e prestava para a navegação, improvisavam canoas ligeiras, fáceis de varar nos saltos, aliviar nos baixios ou conduzir à sirga. Por terra aproveitavam as trilhas dos

³ ABREU, 1907.

<http://pathayde.multiply.com>
pathayde@hotmail.com

índios; em falta delas seguiam córregos e riachos, passando de uma para outra banda conforme lhes convinha, e ainda hoje lembram as denominações de Passa-Dois, **Passa-Dez**, Passa-Vinte, Passa-Trinta; balizavam-se pelas alturas, em busca de gargantas, evitavam naturalmente as matas, e de preferência caminhavam pelos espigões.”⁴

Então, as duas entradas: uma pelo Passa Dez, outra pelo espigão (até a Rua dos Paulistas, depois pela variante do Caminho Novo (Rua Henri Gorceix). Dominando ambas, o Curral de Pedras.



Foto 18 - Panorâmica de Ouro Preto (1)

⁴ ABREU, 1907:57.



Foto 19 - Panorâmica de Ouro Preto (2)

Foto 20 - Vista da Rodovia dos Inconfidentes

A imagem da foto ao lado permite identificar a cota mais baixa dos canais do sistema hídrico da mineração. Este sistema foi e continua sendo



amplamente utilizado como fontes adutoras na cidade. Toda a vegetação que cobria as encostas foi removida: a mineração primeiro, lenheiras, queimadas, coleta de flores rústicas (sempre-vivas) e de orquídeas e bromélias mutilaram segunda e persistentemente a fauna e flora. Hoje os morros são de terra nua, a pouca vegetação existente será queimada na próxima seca e na seguinte...



Foto 21 - Panorâmica de Ouro Preto (3)

As vistas da cidade, que vão se ampliando à medida que o observador se posiciona mais acima, englobam quase a totalidade da Paróquia do Pilar e de muitas áreas de ocupação recente, Alto da Cruz, Vila São José, Bauxita e outras. A referência de sempre, o Itacolomi, continua lá. Mas não deve ter sido uma referência muito boa, ao contrário do que reza a crônica, considerando-se que quase sempre devia estar encoberto.



Foto 22 - Panorâmica de Ouro Preto (4)



Foto 23 - Vista da rodovia dos Inconfidentes



Foto 24 - Panorâmica de Ouro Preto (5)

Foto 25 - Rodovias para Ouro Preto e Saramenha





Foto 26 - As Alterosas

**Foto 27 - As
montanhas em forte
aclive**





Foto 28 - Do outro lado do morro

Foto 29 - Serra do Caraça ao fundo



**Foto 30 - Vale do Rio das
Velhas**



3 Considerações finais

Existe muito a ser conhecido, explorado, documentado e compreendido em volta de Ouro Preto. Houve uma atividade exploratória absolutamente importante na região e pouco se estudou e quase nada se sabe sobre os sítios arqueológicos dessa atividade.

O grande crescimento populacional da cidade, nas últimas décadas, tem feito as áreas habitadas da cidade avançarem sobre esses sítios de forma desorganizada e predatória.

Tabela 1 – Ouro Preto - População Residente

ANOS	URBANA	RURAL	TOTAL
1970	31.883	14.282	46.165
1980	37.964	15.446	53.410
1991	48.150	14.364	62.514
2000	55.823	9.908	65.731

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

A ruína conhecida como Curral de Pedras apresenta uma série de contradições e permite especulações sobre sua função, sobre sua idade e sobre sua preservação. A lacuna historiográfica a respeito dessa ruína e dos sítios que a circundam merece atenção de pesquisadores e autoridades públicas.

3.1 Sugestões

- Criação de um grupo interdisciplinar para estudo e acompanhamento dos sítios arqueológicos do entorno de Ouro Preto.
- Promoção de sistemático registro documental, fotografias, topografia, quantificação, de todos os sítios e ruínas existentes.
- Amplo levantamento da documentação histórica que possa subsidiar a compreensão da arqueologia da mineração.
- Levantamento dos estudos aerofotográficos feitos na área nas últimas décadas para avaliação das perdas recentes.

4 Bibliografia

Curiosamente, a vasta documentação secundária pesquisada não apontou referências diretas ao tema. Seria mais verdadeiro, portanto, listar as obras que foram objeto de consulta e nas quais nada sobre o sítio foi encontrado. Mas não sendo a praxe a referência ao silêncio, menciono algumas obras de interesse geral.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Acesso a <http://www.cchla.ufpb.br/pergaminho/1907_capitulos_-_capistrano.pdf> em 15 de fevereiro de 2007.

ALCÂNTARA, Antônio Pedro Gomes de. Aspectos do espaço barroco na arquitetura civil dos séculos XIX e XX. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, UFMG, n.12, p.67-70, 1982-1983.

ATHAYDE, Públio. **Manual para redação acadêmica**. Belo Horizonte, Editora Keimelion, 2003.

BASTOS, Rodrigo Almeida. **A ordem sagrada da república colonial**. Mimeo, s.n.t.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder**. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOREIRA, Rafael - A arquitetura militar do Renascimento em Portugal. In: **A INTRODUÇÃO da arte da Renascença na Península Ibérica**. Coimbra, EPARTUR, 1981.

REIS, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: EdUSP, 2001.

SEGAWA, Hugo. Os jardins públicos no período colonial e o passeio público do Rio de Janeiro. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, UFMG, n.12, 1982-1983.

TELLES, Augusto C. da Silva. Alpoim - O grande arquiteto do Brasil no século XVIII. **DaCultura**, ano IV n. 7. s.d.

TOLEDO, Benedito Lima de. A Ação dos Engenheiros Militares na Ordenação do Espaço Urbano no Brasil. **Urbanismo de origem portuguesa 4**. Acesso a <<http://libdigi.unicamp.br/document/?down=vtls000231856>> em 12 de fevereiro de 2007.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SOUZA Tânia Maria F. de e REIS Liana. **Técnicas mineratórias e escravidão nas minas gerais dos séculos XVIII e XIX: uma análise comparativa introdutória**. Acesso a <http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A018.pdf> em 12 de fevereiro de 2007.